

CDD: 869.381.62

**RESENHA: O ALFANJE E O CENTEIO –
CRÔNICAS DA IMIGRAÇÃO ESLAVA,
DE JOSUÉ CORRÊA FERNANDES**

Luísa Cristina dos Santos Fontes¹

Memórias? Ficção? Autobiografia? Literatura ou História? Nem um, nem outro, melhor: ambos. Híbrido de história e literatura. Híbrido de ficção e crítica. *Composite*. Com *O alfanje e o centeio*, Josué Corrêa Fernandes investe-se em escritor-leitor de uma comunidade.

A obra, mais que rememora, comemora a imigração ucraniana e polonesa no Paraná, recriada a partir de um aporte nas lembranças de infância e juventude do autor em Prudentópolis. Seu procedimento de montagem, principalmente no que tange a pré e pós-história dos fatos, é uma reflexão sobre a concepção anacrônica do tempo. Uma noção de tempo como memória, como repetição, *déjà-vu* (escancara, porém, janelas para o futuro).

Rememoro ou não, um livro sempre deve começar a ser lido pelo título, pela leitura da capa, sua apresentação, sua orientação – amor ou desamor à primeira vista. O alfanje e o centeio. Feliz escolha pelo poder de sugestão. No instrumento (alfanje), subjaz aspectos atinentes ao trabalho, à luta cotidiana, ao cuidar da terra. No alimento (centeio), há o favorecimento da semântica da multiplicação, já que sua etimologia diz que o centeio produz o cêntuplo, por extensão, a produtividade, o abastecimento, a riqueza. Perfila-se assim a chave para a leitura da obra.

¹ Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa e doutoranda da Universidade Federal de Santa Catarina.

Abrem-se as portas do castelo (p.237) para a observação do contato entre diversos segmentos culturais e suas conseqüências de diferentes ordens. E o autor, com que maestria arranja em feixes suas instigantes narrativas.

Como não se encantar com muitas das cenas esmiuçadas?

Com um dedo preso à linha e com o outro na agulha, esgrimindo agilmente e tecendo o fino rendado de crochê, Antonina fazia apenas algumas pausas para contar os pontos e, daí, para tomar fôlego e dar seqüência ao matraquear. (p. 200)

Como não se emocionar com as pungentes histórias de vidas vividas pela *gente loura e generosa da etnia eslava*?

Guerras e revoluções cuja memória já havia se evaporado na inexorável bruma dos tempos fizeram dos ucranianos um povo cansado, desiludido, infeliz; meros slugas que nada tinham de si. (p. 167)

Como não se intrigar com os personagens misteriosos, a exemplo da Princesa Anastácia, a sobrevivente dos Romanoff, ou de Joseph Mengele, o Anjo da Morte de Hitler?

Como não vislumbrar as sutilezas e singularidades tal qual delicatessen?

Casas e mais casas de madeira, cobertas com taboinhas de pinheiro, ornadas com graciosos lambrequins, semeavam-se por toda a parte (p. 87)

Como não pressagiar *personas*, gratas ou não, como Maria Bugra, Dona Clemires, Demócrito Nascimento, Jean-Maurice Faivre, Durvalina (Durva, para os íntimos...), Nhô Firmo, Natércia e tantos outros?

Longe de serem confinadas à margem, as “personagens” do livro tratam, originalmente, da questão do imigrante. A voz do imigrante está sempre entre outras vozes. Uma margem que está entre outras margens, ramificação da própria margem. Como transcrever a fala engrolada de uns e o sotaque de outros?

Análogos a outros da literatura contemporânea e especialmente os que tematizam a figura emblemática e contraditória do imigrante, os textos de *O alfanje e o centeio* remetem aos conceitos de identidade, entre-lugar, memória e representação. Este conjunto projeta refazer um diálogo que Josué Corrêa Fernandes mantém com a história e cultura de seu tempo. Esclarecer um pouco mais sobre um saber construído pela experiência de perdas (incluir aí até mesmo a questão de domínio político sobre o território da Polônia e da Ucrânia) para que o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o escopo da insignificância.

A partir de tal ponto de vista inusual, a imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais. A mistura de culturas e as “mestiçagens” que daí resultam perturbam nossos parâmetros tradicionais de uma cultura própria, de nação inteiriça. O imigrante – o outro, o de fora – coloca-nos diante da “estrangeiridade” que é dele, inerente à sua identidade, mas que é também a nossa. O estrangeiro estranhamente nos habita. Fala da diferença constitutiva de cada um de nós.

Aliás, eu arriscaria mais: é como etiólogo que o autor contacta a diversidade e (re)aprende a genuidade de comunidades que ainda hoje vivem segundo tradições primevas e delas lhe vão dando conta. Há um procedimento de sobreposição: o escritor “alimenta-se” das vivências do etiólogo e o etiólogo prepara-se para novas vivências através da imaginação do escritor. A heurística dos, digamos, seres de fronteira, subsume relações entre o real e o irreal, o sublime e o pitoresco, entre a tradição e a contemporaneidade.

Por fim, agradeço ao confrade a honra – inestimável – de ser uma das primeiras leitoras de seu provocativo e cativante livro. Ainda movida por suas narrativas pungentes não posso deixar de lembrar as palavras do escritor argentino Ricardo Piglia, em entrevista recentemente publicada: *a leitura perfeita, a que corresponde com exatidão ao que o livro implica, é uma utopia. O que se faz é procurar algum de seus sentidos e tentar reconstruí-lo, mas, em literatura, sempre há um sentido que escapa... Cada leitor está sempre traduzindo para si o texto...*